

QUINTA-FEIRA
Lisboa--17 de Março-1927

5 TOSTÕES



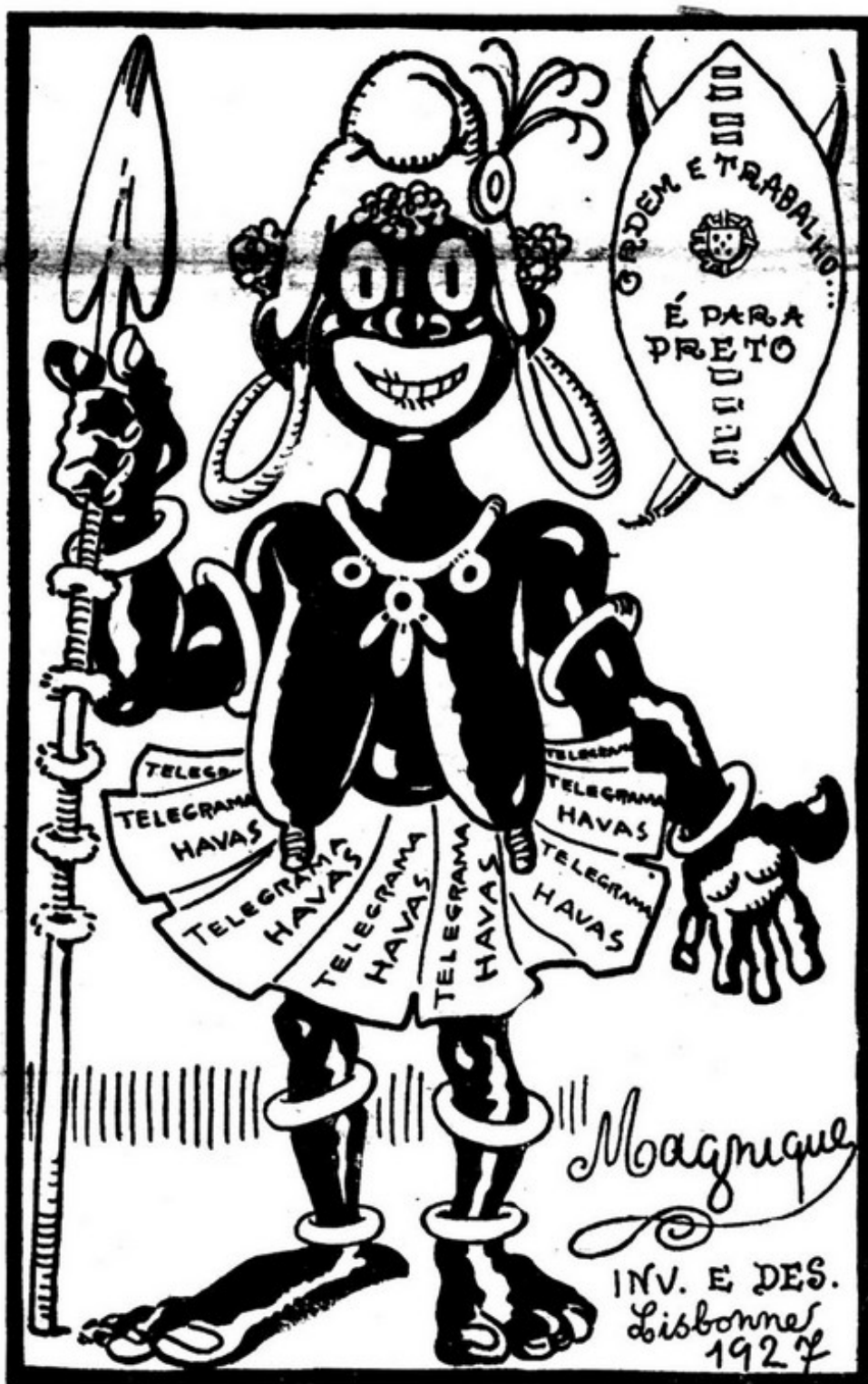
sempre **fixe** 43
semanario
humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

Uma... "République Nègre" Um macaco do Marrocos francez



Como Magnique nos pintou ao vêr frustrado o negocio escuro que era uma clara "magnigan- cia" de 1.200 contos do vigario, ou 1.500:000 francos a entrarem no seu "avoir". A "voir" na- vios é que ele ficou

Projecto de "pendant". SEMPRE FIXE não in- ventou nem desenhou. Bastou-lhe apenas foto- grafar o "Magnicaco" antes de o devolvermos ao Jardim das Plantas, e no momento de lançar a ultimo olhar ao apetecido côco.



Os ditos da semana



Hoje não fazemos comentários. A semana foi arida de acontecimentos. Descansadamente vamos narrar ao leitor fidelíssimo algumas anedoctas estrangeiras, que não perdem o sabor nem a oportunidade em serem traduzidas. Começemos:

Um sexagenario desposa uma juventude exuberante que, apesar dos seus 15 anos, já vai bastante adiantada em paixões.

Acabado o jantar nupcial, ela entra no quarto com radiante decisão. Ele, discretamente, desce as escadas e dirige-se ao bar mais proximo.

— Um copo de vinho do Porto...

O dono do estabelecimento, que sabe a desgraça que lhe sucedeu, recomenda:

— Para o que você pretende é preferível sherry. Olhe que o Porto deprime muito...

Aquiescencia do noivo. Ao outro dia á noite ele volta ao estabelecimento e alarga a encomenda nestes termos:

— Para mim dois copos de sherry; para minha mulher uma garrafa de vinho do Porto...



Londres é a cidade dos nevoados. Recentemente desembarcado, Curnousky, um dos melhores humoristas franceses, não vê um palmo diante do nariz. O que fazer? Esbarra com um transeunte e pergunta-lhe:

— Onde fica o Gigantic-Hotel?

— Mas a dois passos daqui... Alguns instantes depois Curnousky está em frente do hotel.

— Como é que o senhor conseguiu ensinar-me o caminho com este nevoados?

— Nada mais simples. Não vê que sou cego...



Numa mercearia.

A criada:
— Quero meia duzia de ovos — mas ovos de galinha preta...

— Preta...
— Como é que a menina os conhece?

— Você vai ver.
A criada dirige-se ao caixote onde estão os ovos e, lentamente, vai-os escolhendo.

— Sempre quero saber como é que a menina os distingue, insiste o caixeiro com um sorriso incredulo:

— Muito facil! São sempre os maiores...

João vai a Italia pela primeira vez. Quando regressa á sua terra natal é insistentemente interrogado pelo primo:

— Podes dar-me uma informação?

— Estou ás tuas ordens.
— E' verdade que a Italia tem a forma duma bota?



A amiga:
— Corre o boato que tu te casas.

Ela, melancolica:
— Não é verdade...

Depois atenuando:
— Mas é muito verdade que o barulho correu...



— Ha tantas mulheres como peixes...

— O peor é que o anzol só pesca um de cada vez...



Antoninho vai pela primeira vez passar o verão a uma praia da moda. Para provar aos seus camaradas de collegio que viu o mar, compra uma garrafa e enche-a cuidadosamente do liquido elemento.

Um trocista, porém, que o observa, dispara-lhe á queimadura:

— O menino não sabe que é proibido tirar agua do mar... Sou o seu proprietario...

— Não sabia...

— Se quizer pagar...

— Então quanto é?

— Dez tostões.

Antoninho paga, e volta para casa. Ao outro dia desce á praia, vazia pela maré baixa. Fica admirado e murmura:

— Sim, senhor! A dez tostões o litro de agua, o homem deve ter feito um negociarrão!



Depois da cerimonia nupcial:

Ela, formosa como os anjos:

— Foste o unico que soube escolher o meu anel de casamento.

Ele, bastante admirado duma declaração tão comprometedora: — Questão de sorte! Já estou tão habituado a dar presentes deste genero...



Churchill, chefe do partido conservador inglês, realizou um dia uma conferencia, em Liverpool, subordinado ao titulo: — *Angustia*.

— A peor emoção é quando se vai no vapor e um marinheiro grita: *Homem ao mar! Homem ao mar!* O que o passageiro sente, então, é terrivel.

Uma voz:
— E o que sente o naufrago não será peor? Falo por experiencia propria, sr. conferencista!

Levimeyer, riquissimo negociante judeu, acaba de morrer. A' roda do leito mortuario, os seus três filhos, Abrahão, Isac e Benjamim, choram compungidamente.

O mais velho propõe um enterro de 1.ª classe.

Isac observa que o funeral deve ser modesto e simples.

Benjamim, o mais novo, toma a palavra e diz:

— Isac tem razão. O nosso pobre pai, cujas ultimas vontades conheço, era ainda mais modesto do que podeis supôr. Estou convencido que honraríamos a sua memoria levando-o na carreta dos pobres.

Ao ouvir estas ultimas palavras o defunto levanta-se e, numa voz agonizante, suspira:

— Não, meus queridos filhos! Não se incomodem. Irei a pé para o cemiterio...



Um judeu entra num banco, onde tem depositada parte dos seus haveres. Apresenta um cheque de 800 libras, que é prontamente satisfeito.

Conta uma a uma as notas, entregando-as depois ao empregado, bastante admirado daquela embrulhada:

— Não é por nada... Queria ver apenas se o meu dinheiro ainda cá estava todo...



Tribunal. E' julgado um gatuno de arrombamento. Os instrumentos do roubo: uma lima, uma gazua e uma lanterna estão em cima da mesa do juiz. O advogado, depois de muito trabalho, consegue a absolvição do réu.

Lida a sentença, o juiz proclama:

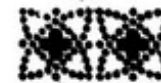
— Está livre! Pode sair em liberdade!

— Mas...

— O quê? — pergunta o juiz.

O réu, apontando para as provas de convicção:

— Então hei-de sair daqui sem levar os meus instrumentos de trabalho?

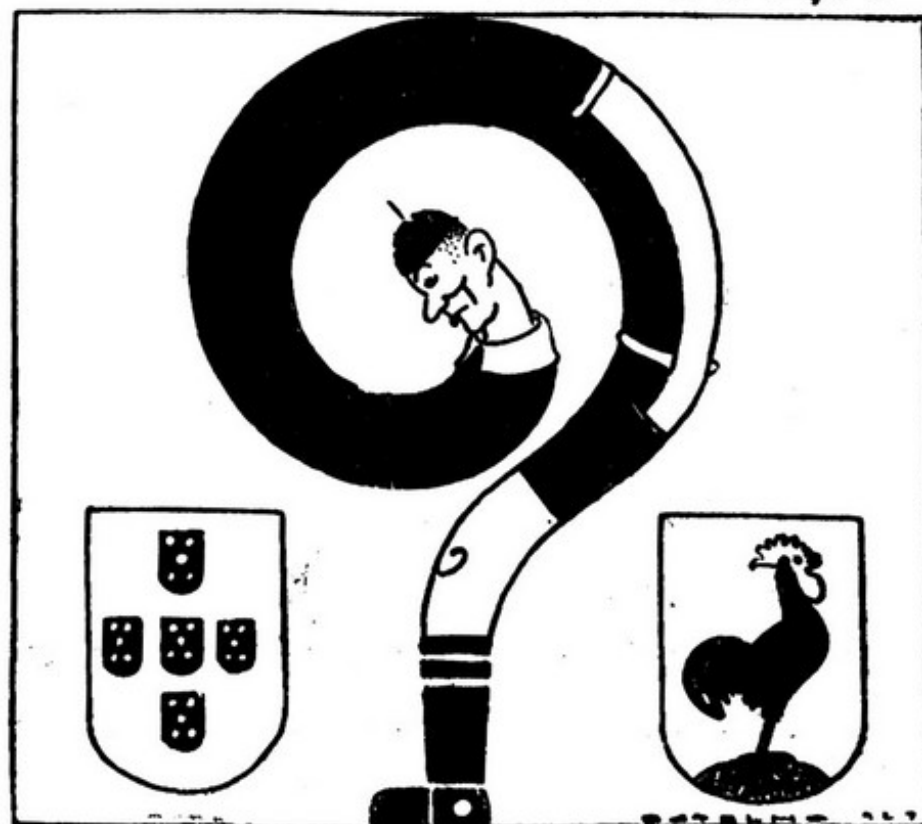


Num restaurante. O freguês para o criado:

— Que achas que coma: ovos estrelados ou uma omelete?

— Ovos, não! Não são frescos. E' melhor uma omelete: cá em casa fazem-nas sem ovos.

O PORTUGAL-FRANÇA



DURO DE ROER...

À Monsieur Magni... que

Monsieur: C'est moi une espèce de «Soba» qui reçoit, —toujours avec joie— dans la «tribun» de humoristes tous les fumistes étrangers qui viennent visiter cette contrée africaine dans la côte Européenne, selon votre avis plein d'esprit...
—C'est moi, qui, ne vous ayant jamais vu,

il a suffi d'avoir lu votre lettre, pour connaître et déduire la raison dont vous permettez d'user votre Grand-Nom...

Figurez-vous ce qu'on vous fit quant vous étiez petit?!

On vous a ôté le FI!... Et voilà pourquoi un homme qui pourrait être Magnifique est devenu tout simplement, Magni... que!!!

J'ai manqué mon papier timbré et blazoné aux armes de St. François... Pourtant excusez, dans l'intègre, le negro.

José Barbosa.



—E' acusado de partir a cabeça de sua mulher com uma garrafa de Champagne!
—Não exagere, sr. juiz, foi apenas com moia garrafa.



—Ela encontrou um moio de rejuvenescer.
—Qual?
—Mu' to simples! Diz a toda a gente que tem 20 anos.

A NOVELA DO "FIXE"

O professor de geografia

Paris!... Querida Paris, minha segunda terra adoptiva!...

Foi em ti, velha Paris, que eu comecei a abrir os olhos!... E tanto os abri que, quando cheguei a Portugal, parecia estar atacado de gôta serena, que, por infelicidade minha, continua...

Por mais que olhe, nada vejo de novo em relação ao velho do meu Paris do passado.—Nem os homens nem os costumes. Tudo atrasado, talvez, uns quarenta anos...

O patriotismo, hoje, é o que se tem visto... e no estrangeiro, hoje, um pouco melhor do que d'antes. Eu tive em tempos, á força, em Paris, de passar por «espanhol», por mais que os quizesse convencer do contrario, e francamente, para não contrariar a ignorancia de certos franceses em materia de geografia, calava-me e deixava correr o marfim...

Em certa ocasião, no teatro do Cluny, appareceu-me um personagem de uma das comedias que era um portuguez. Pois esse portuguez vestia sobrecasaca, polainas, estava bem enlulado e chapéu alto de feltro cinzento. Quando tirou as luvas, os dedos estavam cheios de brilhantes e, uma vez desabotoada a sobrecasaca, deixava ver um cinto, sobre o colete, cheio de punhais e pistolas!... Era isto um portuguez!...

Se o caso se tivesse passado depois da successão de revoltas e desordens que têm assolado a nossa patria, vá lá que houvesse esse espirito de critica, mas isto foi ha trinta anos!!!

Eu protestei, o que me valeu ser expulso da sala ...

Mas vamos ao que importa e deixemo-nos de comparações...

O que eu vou descrever foi a expressão da verdade: o espirito patriótico de um portuguez aliado á graciosidade.

As testemunhas existem: uma delas é um ex-presidente da Associação Commercial e a outra este vosso criado.

...

Havia um industrial, em Lisboa, que costumava ir todos os anos a Paris fazer o seu sortido.

Uma das vezes encontrei-o, acompanhado do citado primeiro meu amigo, e, falando-se sobre fornecedores, este recomendou-lhe uma nova casa especialista do seu artigo, mas o nosso heroe tinha o seu froguez certo e custou a levá-lo ao novo armazem.

Eu, por acaso, acompanhei-os e, uma vez chegados, eu tive occasião de o ver adquirir um variado mas pequeno sortido, a titulo de amostras. Como C... era tido como um bom freguez, o francês repontou logo pela exiguidade da compra...

O nosso homem quiz pagar logo—o nesta altura é que se desenvolve a comedia.

—O seu nome?—diz-lhe o armazenista.

—Mon «nome»—diz-lhe o C..., que mal falava francês.—Ponha lá A. C..., fabricante de gravatas... Lisbonne.

—Ah! vous êtes espagnol?—disse o francês.

—Qual espanhol! Sou portuguez!

—Oh!... C'est la même chose...—diz-lhe o armazenista.

—Qual a mesma coisa! Lisboa é em Portugal; não é em Espanha...

—Oh! L'Espagne ou le Portugal c'est le même pays, n'est-ce pas?

Nesta altura, o nosso companheiro, fabricante de gravatas, explicava-lhe, no seu francês macarrónico, a diferença que havia da Espanha para Portugal e tantas preleções lhe fez que o francês, sempre sorrindo, ficou meio convencido.

Entrou-se na altura de pagar a factura. Se não me engano, dava uns dois mil e cinco francos e vinte e cinco centimos.

O nosso amigo puxou por duas notas de mil francos e pagou.

O francês observou-lhe que faltavam cinco francos e vinte e cinco centimos.

O nosso amigo sorriu e disse-lhe:

—Ora, ora, ora! Exigir 5,75 francos de um sujeito que pode vir a ser um bom freguez não bate certo. Deixe lá isso para a outra vez e guarde os 2.000 francos.

—Non, non, monsieur. C'est nett... «Faltam cinco francos, veinte cinco», —disse ele em bom espanhol.

—Qual falta, qual diabo! Não «manca» rien... Tudo está paye...

—Falta, falta—diz o francês.

—Vá... pentear macaques... E sauez-vous porque não falta? Olhe, monsiú. Lá-bas, moi-eu, son fabricante de cravates e nas horas vagas professor de geografia... Cada lição... cinco franques e vinte e cinco... Lisbonne é em Portugal e Portugal não é Espanha... Ao revoir, passo muito bem e não se esqueça, se lá fôr um dia, de me procurar... Quero levá-lo a Palmela, que é um sitio muito perto.

E saiu com os embrulhos e os 5,75 da lição de geografia.

... ..
E nós, testemunhas oculares, também saímos a rir, com a certeza de que o tal fornecedor francês ficou sabendo que Lisboa não era em Espanha... e que Portugal era uma nação que, de facto, existia independente.

E tudo isto, nesse tempo, por... oito tostões! Barata lição á domicile!...

Reporter B.

EM LETRA REDONDA

Um telegrama duma agencia para os jornais:

«MANAGUA, 27.—Os marinheiros americanos que desembarcaram em Puerto Caseb, a fim de protegerem a vida e os bens dos subditos dos Estados Unidos, fizeram fogo sobre as tropas liberaes, matando dois soldados mortos.»

* * *

Uma troca de gracios num jornal da Invicta:

«Arcebispo-bispo de Vila Real — O seu regresso do Brasil. — Regressou hoje do Brasil, após uma longa estadia na republica do Alem Atlantico, o sr. arcebispo-bispo de Vila Real Lapa, a fim de procurar capturar o conhecido desordeiro Alberto Mulato...»

A diligencia foi bem sucedida.»

* * *

Duma correspondencia para um jornal da manhã:

«COIMBRA, 10.—Deu entrada no hospital da Universidade, Antonio Joaquim, que apresenta fractura da base do cranio por lhe ter caído um pinheiro.»

!!!

* * *

Em vez de «arribou na bahia de Cascais o cruzador Adamastor», como um reporter tinha escrito, o tipografo compôs:

«Arribou na bahia de Caneças...»

L. F.



O CARTEIRO—E' triste ter que andar 4 kilometros por causa dum prospecto de propaganda.

O MOLEIRO—Sou da mesma opinião. Porque nao o deixou ficar no correio?



—Uma emolinhá por amor de Deus!
—Só tenho uma nota de 20 mil reis.
—Não faz mal. Eu troco.

!! Não queira ficar assim !!

USE A VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO \$300

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA



BRISTOL CLUB DANCING

Jantar concerto das 19 ás 22 h.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

OUTRO dia, nos réclames dum teatro de revista, publicados nos jornais, adjectivava-se de *genial* uma novel actriz cujas qualidades estão ainda em embrião.

Foi *gralha*. Era *gentil* que lhe queriam chamar. Ultimamente, tem havido muitas destas *gralhas* nos jornais...

■ ■ ■

FOX-TROT, que tambem é uma revista, embora haja quem o duvide, aparece agora assinada por *Uns e Outros*.

Este pseudonimo indistinto representa dez autores.

Por um pouco que não era a população de Portugal...

■ ■ ■

NO Eden Teatro floresce agora uma interessante e desafinada escola de canto.

Tudo agudos...

Naturalmente é para competir com o Scala de Milão...

■ ■ ■

NO mesmo teatro, as artistas que se deviam vestir, para ocultar excessos da mãe natureza, despem-se com uma tal sem-cerimonia que a beleza tapa os olhos para não vê...

Será para enfileirarem ao lado daquela cintura de *vespa*, cuja fotografia o *Seculo* publicou ha dias??

■ ■ ■

EMBORA não esteja muito calor, a neve derreteu-se no Eden Teatro... O *Pinta-pinta* não teve honras de *bis*. Outros numeros celebres foram acolhidos com um prudente silencio. A apoteose do primeiro acto, dedicada aos nossos aviadores, tem naquele tea-



Depois da casa roubada, trancas á porta

tro um novo estilo de representação; o *vão braçal!*

O peor são as amargens em séco.

■ ■ ■

LA GOYA fez no Trindade, com imenso successo, o *Pinta-pinta*, conhecida canção brasileira. Para amenizar, Erico Braga intercalou no numero as seguintes novidades:

—Es Usted La Goya?

—No, señor.

—Es que tiene tanta gracia y sa-léro...

—No, señor, soy la *lambisgoya*.

E ainda:

—Já foi ao Trindade vêr a Goya?

—Não, senhor. A Goya, depois de cantar o *Pinta-pinta*, já não é Goya, é... *Goyabada*.

E finalmente:

—Conhece o actor Erico Braga?

—Não conheço.

—Então, não diga nada, mas ele tem uma *grande lata*.

Este ultimo dialogo é dum acerto tão notavel que não podemos deixar de lhe dar a nossa adesão.

■ ■ ■

CHABY Pinheiro deu uma entrevista no jornal francês *Comedia*.

Mais uma vez repetiu o disco: *Lucien Guilty e eu*. O entrevistador arancou-lhe uma confissão interessante: Randall, o *partenaire* de *Mistinguetti*, deu-lhe uma «borla» para o *Moulin Rouge*, mas para a *matinée*, e não para a noite, como o nosso artista lhe tinha pedido.

Resultado: ao sentar-se no seu lu-

gar, encontrou como visinho um gordo ainda mais gordo do que ele.

Diz Chaby, sorrindo:

—Ao lado um do outro, mal nos podiamos sentar! Toda a gente no elha-va.

Eis um actor cuja gordura é tão celebre como a arte!

■ ■ ■

CORRE por ahi que o protagonista da opereta *Paganini*, anunciada para o S. Luis com grande e custosa montagem, é o conhecido empresario José Loureiro, o autentico *Paganini* de tudo aquilo, uma vez que é ele quem *paga*.

P. S.—O actor Armando de Vasconcelos protestou contra a gracinha e exaltadamente declarou que tambem quere ser *Paganini*...

■ ■ ■

O ERICO Braga tem uma *martirizala* suspeita.

Nos seus anuncios, insertos nos quotidianos, onde, seja dito de passagem, abunda a literatura, duas letras cabalisticas desafiam a curiosidade do leitor: *M. C.*

O que quere dizer?

Muito *cóco*. O pior é que o espectador come a casca do saboroso fruto, de vez em quando...

■ ■ ■

OS *Milhões de Monty* teem, como interprete natural, Robles Monteiro, ro.

Comentario deste actor:

—Nunca representei uma peça com tanta *desilusão*! Se eu pudesse, na existencia, levar o meu papel a *sério*...

O Homem das 5 horas



— Não venhas tarde!
— 10... 11 horas estou em casa.

— O que terá sucedido! Naturalmente aparece aí bebado como um cacho.

— Desavergenhado! São horas de vir!
— Não disse que vinha entre as 10 e as 11.

CANÇÃO NACIONAL

Fado da Graça

Mote

A' Igreja em romaria
ia o povo sofredor,
com a fé dum melhor dia,
beijar o pé ao SENHOR.

Glosas

Quando o sino badalava
lá na Graça em tom plangente,
em San Roque o povo crente,
silencioso o escutava.

Era o sino que chamava
o SENHOR quando saía,
E quando ELE recolhia,
terminada a procissão,
ia a enorme multidão
à Igreja em romaria.

Iam na bixa vistosa,
entre alumiados cirios,
brancas virgens como lírios
em marcha cadenciosa.

Iam opas azues-rosa
e em seguida o andor,
rescendendo paz e amor,
no perfumado ambiente,
e traz dele, penitente,
ia o povo sofredor.

Mas tudo isto é descrever,
com triste recordação,
os tempos que já lá vão,
que eu julgo não mais volver.
Tempo em que o nosso viver
era cheio de alegria,
tempo em que Deus protegia
a nossa terra tão linda,
embora alguém viva ainda
com a fé dum melhor dia.

Quem lá fosse á sexta feira
pelo enlevo espiritual
sentia isenta do mal
a sua alma sobranceira.
Hoje, essa antiga maneira
é igual á murcha flôr
que perdeu o seu olôr
atirada p'ra um abismo...
Pois que até vão por snobismo
beijar o pé ao SENHOR!..

José Barbosa.

ULTIMA
HORA

**Comunica-nos a
Agencia "Favas",
que a esquadra do
Mediterraneo, co-
mandada pelo al-
mirante Magnifique
vai fundear amanhã
no lago de S. Pedro
d'Alcantara.**

BRISTOL CLUB DANCING
O UNICO SEMPRE EM FESTA

CINZAS DO CARNAVAL

A camisa da mulher feliz

Pelos cafés e centros de palestra
madrilenos gira, entre comentários
variadíssimos, uma anedota que se
afirma vivida no ultimo Carnaval.

Um nome conhecido nos cabarets



Com um fato de mexicana que parecia
ocultar um corpo maravilhoso

da capital espanhola buscava, de há
muito, entre as frequentadoras ale-
gres das alegríssimas catodrais do
charleston, a Venus de Milo que a
sua ardente imaginação creara. Fa-
lharam-lhe inumeras experiencias,
guiadas por um detalhe tentador —
um braço saindo duma manga curta,
um colo decotado em audacia moder-
nista, uma perna antevista na subida
ao trancaia... Mas, de tantas prome-
sas, saíra sempre insatisfeito o seu
sonho de esteta, quando conseguida a
tal visão do modelo.

O que ele procurava era uma mu-
lher completa, uma mulher com ca-
beça, corpo e membros maravilhosos,
uma mulher mais completa que a
propria Venus de Milo, a qual, como
todos sabem, está desprovida de bra-
ços.

Casara-se julgando encontrar a mu-
lher ideal numa joven que um dia co-
nhecera num baile familiar, pudica-
mente vestida com um fato de mexi-
cana que parecia ocultar um corpo
maravilhoso.

Mas, uma vez casado, esbarrara o
seu sonho ante a resistencia virtuosa
da esposa que, educada no Sacré-
Cœur, ocultava a anciada maravilha
em amplas camisas, que não despia

nem nos momentos mais intimos. E
a perfeição que ele adivinhava era-lhe
vedada, qual fruto proibido, em au-
tenticas e odiosas couraças medievais.

Recomeçara então as suas libertinas
pesquisas, sempre malogradas pela
alta noção de beleza feminina que o
dominava. Com a vida licenciosa a
que as buscas o forçavam, sofria a vir-
tuosa esposa, sempre resistindo nas
trincheiras do seu pudor, cruel e pre-
judicial.

Ora aconteceu que no baile da Im-
prensa, na Zarzuela de Madrid, apa-
receu este ano uma mulher bellissima,
tão pouco vestida que apenas duas
azas arbitrárias lhe guardavam as la-
terais prodigiosas da cintura delicada,
azas abertas na circumnavegação de
dois hemisferios opulentos.

O buscador de perfeições ideais es-
tremeceu com toda a sala. Aquela mu-
lher era completa e não oferecia du-
vidas possiveis na analise facil do
tronco e membros, que patenteava,
convencida da sua superioridade.

Não deixou, ansioso, o ceteta de
danzar com a Venus todos os black-
boton's e shimmy's do baile e, findo
este, conseguiu transportá-la a um
automovel acolhedor. Antes de em-
barcar para Citera, perguntou onde
a devia conduzir e ouviu então, exta-
tico e maravilhado, que a mascari-
lha de veludo tombava, ao tempo que
uma voz conhecidissima, já despida
de falséte, lhe dizia, burlona:

—Vamos para casa, não sejas tólo!

O sacrificio daquela mulher púdica
valeu-lhe a felicidade de satisfazer
completamente o marido, para quem
cessaram todas as investigações ex-



Aquela mulher era completa...

ternas.

Mas nos seus momentos de maior fe-
licidade, encontrava-se tal qual aque-
le feliz da lenda de quem um rei filo-
sofo quiz bakladamente possuir a ca-
misa...

Perez-Lachaise

Bom humor

O automovel pára na estrada com
uma panne. O proprietario abandona
o volante, troca a sua indumentaria
elegante por um fato vulgar de ma-
caco e trabalha afanosamente. Ao fim
de meia hora, aparece entre as rodas
e dá de cara com um cidadão que,
muito tranquilamente, o observa.

—O que faz o senhor ahí?

—Nada! Sou um caricaturista que
procura situações ridiculas.

* * *

Um ladrão é surpreendido pela do-
na da casa, que entra no quarto on-
de ele estava operando, armada de
uma robusta e comprida bengala.

—Não se incomode, senhor ladrão!
Julgava que fosse meu marido.

* * *

Um automovel que passa a toda a
velocidade numa estrada atropela um
homem. O chauffeur, que é o medico
da aldeia, pára o carro instantanea-
mente e reconhece, na vitima, um de-
seus clientes.

—Não lho disse que era perigoso
sair de casa.

* * *

—Sabes porque razão o Antonio
casou com tua prima?

—Como estavam noivos havia dois
anos e ele já se cansara de a vêr to-
dos os dias.

* * *

Num restaurant:

O freguês para o criado:—Você tem
a certeza que este presunto está cu-
rado?

—Tenho sim, senhor! Nunca foi
preciso chamar o medico.

* * *

O pai:—Porque não me chamaste
quando o teu namorado te beijou?

A filha:—Quando o quiz chamar
não pode e... quando o pode não
quiz.

* * *

Num café:

O freguês:—Você trouxe-me um co-
po de agua suja.

O criado:—Pode bebê-la sem receio!
A agua está limpa. O que está sujo
é o copo.

* * *

Ela:—Abandonas-me sempre para
ires passear com o meu pai.

Ele:—Que queres, filha, Preciso
arranjar dinheiro para nos casarmos.

* * *

O petiz:—E' verdade que vim de
Paris?

A mamã:—Sim, Joanito!

O petiz:—Qual é então o motivo
porque não falo francês?

* * *

No teatro:

—O senhor gosta da peça...

—E' uma porcarias...

—Então porque a aplaude com tan-
to calor?

—Para vêr se não durmo.

* * *

Dois presos, condenados a 10 anos
de degredo:

—Os meus acusadores tinham ra-
zão! Sou um impostor...

—Não digas isso, homem. Não te
acredito...

O rebuçado de frutas

Nunca consegui economizar um centavo—mas isso não impede de admirar os que economizam, e ainda mais: os que reúnem e manejam as economias dos outros.

Vem dahi a minha incondicional admiração por João Previdente—um homem que economizou com magnificencia, como muito poucos podem gabar-se de ter poupado. Consagrou toda a sua vida á economia—antes mesmo de saber bem o que isso era.

A virtude de poupar deve inculcar-se desde a mais tenra idade.

Entre outras muitas virtudes, tambem meus pais quizeram inculcar-me essa, mas enganaram-se no processo a empregar.

Ofereceram-me um mealheiro de barro. E, para completa edificação do meu tenro espirito, deitaram-lhe dentro umas moedas de níquel.

Com alegria lhes foi dado observar que eu, bruscamente inflamado pela economia, fiz deslisar pela fonda do mealheiro todas as moedas de cobre que possuia naquele momento. E chateei todas as pessoas conhecidas para que engrossassem o pequeno teouro.

Todos ficaram maravilhados do tanto fervor, e não faltou quem me predissesse uma grande fortuna.

Mas a verdade é que, desde que vira entrar no mealheiro os primeiros níqueis, eu tinha resolvido parti-lo.

E parti-o nesse mesmo dia.

Fiz um bom negocio, que, infelizmente, me não foi dado repetir.

* * *

João Previdente não teve um mealheiro de barro. Se o tem tido, talvez que succumbisse á mesma tentação que eu.

Mas a ele deram-lhe uma caderneta da Caixa Economica Postal. E com uma caderneta, o caminho unico é:—a gente aborrecer-se e ir economizando.

Ao principio, os pais de João Previdente, desconfiando das virtudes do filho, não lhe entregavam o dinheiro. Mostravam-lh'o e diziam:

—Vês? Cinco tostões! Cá vão para a Caixa Economica.

O garoto obedeceu tão bem aos im-

pulsos paternos que depressa os su-plantou. Todas as moedas que apanhava iam para a Caixa Economica.

Não é difficil conseguir isso duma criança. Porque as crianças teem, mais do que ninguem, a mania de colleccionar.

Coleccionam sêlos, aparos, estampas, caixas de fosforos, os proprios dentes... Coleccionam tudo.

Nunca ninguem explicou esta estúpida propensão, mas o facto é que é assim mesmo.

João Previdente colleccionava moedas para a Caixa Economica.

O que era, o que representava a caderneta para João Previdente, naqueles desassizados anos de infancia? Não se sabe! Um monstro, uma princesa encantada... Talvez! Os seres misteriosos atraem, mais do que nada, a simpatia e a generosidade dos petizes.

* * *

João Previdente teve um dia um instante de criso.

Mostrou desejos de guardar no bolso uma moeda de tostão.

—Para quê?—preguntou o pai.

O garoto fez-se muito encarnado.

—Eu... queria... comprar... rebuçados de fruta.

—Deus meu!—clamou o progenitor, temeroso de que aquella fosse a fresta por onde havia de entrar a dissipação na alma do eu rebento.

—Meu filho, os rebuçados de fruta são uma invenção luxuosa. Não ha nenhum rebuçado absolutamente indispensavel para a vida. Larga para cá o tostão, meu querido filho, ou então largo-te quatro cascudos.

O pai, apesar de pobre, não era um brutamontes. Gostava de convencer com razões.

Naquella mesma noite, disse ao potiz:

—Imag'na que eu te tinha deixado o tostão e que tu já tinhas chupado os rebuçados. A estas horas já te não restava nenhum, não é verdade?

—Não—respondeu, profundamente convencido, o João Previdente.

—Em compensação, o dinheiro está bem seguro na Caixa Economica.

Tem-lo hoje e amanhã, e durante muitos anos. E ha de crescer.

—E' verdade—pensou o rapaz.

E nunca provou os rebuçados de frutas, mas pensou sempre nelas. E nas fantasias que edificava sobre a posse daquele dinheiro figurava, de preferencia, o sonho de comprar um montão enorme de rebuçados, de cores alegres e de formas variadas—um montão policromo e facetado, como se fosse de brilhantest

* * *

Aos vinte e um anos, entrou na posse da caderneta. Mas já os rebuçados lhe não ofereciam o menor interesse. Não os comprou.

As economias eram escassas. Por prudencia, não quiz aventurá-las em nenhum negocio em que pudessem perigar. Depositou-as, a juros compostos, num Banco solido.

Ganhava pouco no officio, mas sempre encontrava maneira de juntar áquella capitalzinho uns mil réis todos os moses.

Enamorou-se duma rapariga da vizinhança, mas decidiu não casar sem ter mais dinheiro.

Aos quarenta e cinco anos tinha trinta contos.

A mulher de quem gostava tinha casado—e ele mesmo esquecera já o seu amor.

Pensou para consigo:

—Preparemos a velhice. Não ha nada ma's terrivel do que a velhice dum pobre.

E continuou economizando.

Aos setenta anos tinha uma fortunazinha decente.

Adoeceu.

Visitei-o quando já não havia esperanças de que se salvasse. Estavam junto dele: dois medicos, um padre e o secretario da Associação de Socorros Mutuos «A Velhice Tranquila».

João Previdente olhava melancolicamente as janelas que o crepusculo ia enegrecendo.

De repente, perguntou com uma voz já debil:

—Não me poderiam ir buscar dez tostões de rebuçados de frutas?

Houve um silencio. Os dois medicos entreolharam-se, acariciaram as

barbas e anunciaram a necessidade de realizar uma conferencia.

Retiraram-se, para voltar passado um quarto de hora.

—E' impossivel. Um unco rebuçado seria mortal.

O velhote insistiu.

—Mas eu queria um rebuçado de fruta.

—Irmão!—aconselhou bondosamente o sacerdote—deixe-se de pompas mundanas...

* * *

Após um silencio grande, João Previdente dirigiu-me as suas ultimas palavras. Nunca me esqueceram.

—Rapaz! Vou legar-te um bom conselho.

«Se tens muito dinheiro, não necessitas economizar. Mas, se tens pouco, não economizes nunca.

«Os vinte mil réis da juventude valem mais do que os vinte contos da velhice. A economia é um emprestimo que fazes á morte.

«O tesouro da velhice são as boas recordações, e a economia diminue-as. Se queres ser rico cria necessidades—que elas servirão de incitamento á tua intelligencia e á tua actividade. E quando já não puderes mais—rebeta—que rebentas satisfeito por ter vivido.

«A minha fortuna foi feita em troca de pequenos prazeres insatisfeitos. Nasceu: á custa de não provar rebuçados de frutas.

«Meu amigo, uma criança que não prova rebuçados, para poupar o dinheiro, tem sempre amargos: o espirito e a boca. Já vês... uma coisa tão pequena... tão vulgar... um rebuçado... e comtudo...»

Começou a delirar. Com os olhos fechados, João Previdente movia as queixadas, como se estivesse saboreando alguma coisa. Ouvimo-lo murmurar:

—«Boas noites, Senhor!... Aqui é que é o céu?... Muito bem... Fizeram as portas com rebuçados de frutas... Perfeitamente... Com sua licença...»

E deitou a lingua de fóra...

Traduzido do estrangeiro por

Zé Parreiro.



QUATRO AZES

da aviação



PORTUGAL VENCE A FRANÇA POR 4 A 2, POUCO MAIS OU MENOS

Foi um grande jogo, este Portugal-França. A vitória portuguesa foi arrancada bem pelas côres nacionais, e provou, sem duvida alguma, que os portugueses estão hoje na primeira fila dos campeões internacionais do *shoot*. A Espanha escua mais de pensar em nos derrotar, e o mais que pode levar da gente lusa é um empate-sinho.

Os seleccionadores portugueses, srs. Candido de Oliveira, Ribeiro dos Reis e Pedro Del-Negro, estão á altura da responsabilidade nacional.

Sim, senhor! Percebem daquilo. Está em projecto um grande banque-te a este triunvirato, que vê-se que possui sciencia, consciencia, sangue-frio, independencia, argucia, inteli-gencia, fôro, prudencia. Os seus de-tractores que tenham paciencia...

Mas vamos a uma breve noticia do jogo, porque amanhã, no *Diario de Lisboa*, o sr. Candido de Oliveira, eminente jornalista e ainda hoje internacional de coturno, falará de cá-todra, com aquela imparcialidade, elegancia e donaire que lhe são par-ticulares.

* * *

A bola de saída coube á França, que a perdeu, com grande pasmo do sr. Colina, que não julgava que os francos jogassem tão pouco.

Logo a seguir, regista-se uma incorrecção do *back* Mairresse, francês de nascimento mas cossaco de origem, e que devia dar um *penalty*. O juiz deixou-o passar, com protestos veementes do publico, que se limitou cor-rectamente a asobiá-lo, digna-se de passagem, com razão.

Varela, por equívoco, deu um en-contração no avançado francês Bardot, sem consequencias, visto ter apenas apresentado a fractura da rotula e um deslocamento do ombro. Portugal sofreu um *free*, absolutamente in-justo.

Aos 15 minutos, Liberto corre pela direita, passa o defeza Walet, centra Zabala, que estava atento e que, com uma cabeça oportuna, marca o pri-meiro ponto para Portugal.

A França reage, mas Jorge Vieira está formidável, como nunca, e des-fes o jogo francês com balões oportu-nos, que um minuto depois chegam ao seu destino. Outra avançada fran-cesa pela asa de Bonello, que Pinho corta, dando a impressão de ter me-tido yasteira, o que levou o arbitro a marcar *penalty* contra Portugal e que Bonardell converte em *goal* a favor dos gaulios.

Empate e justos apitos. A policia faz cordão, mas o arbitro limita-se a julgar o publico português muito ex-citado. Aos 40 minutos, Figueiredo, que está brutal, com uma mobilidade

maior que Samitier, passa a Augusto Silva, que ordena o triangulamento. José Manoel combina com Pepe, es-pantosamente, salta Wolet e, final-mente, João dos Santos, a um canto alto, esfia a segunda bola!!

Não se descreve a satisfação do pu-blico e a cara do sr. Pedro Del-Negro, radiante, que exclama:

—Eu bem os escolli. Tenho olho. E não fica por aqui.

De facto, não fica. Um minuto an-tes de acabar a partida, Varela é to-cado brutalmente por Cazais e reco-lhe á ambulancia. *Free* contra Fran-ça, que o publico aplaude, e Sobral, zumba, enfia lá dentro a terceira portuguesa.

O sr. Candido de Oliveira desmaia de comoção.

* * *

Na segunda parte, os franceses de-fendem-se como cães. Os portugueses deixam-nos um pouco á vontade, por gentileza. Varela está jogando com uma delicadeza que impressiona.

Agora Pepe, numa descida brutal de velocidade, salta as defezas com três pulos, vai direito á rede de Dhur, pisa-o oportunamente dez vezes, com grande *endurance*, e enfia. Mas o ar-bitro, injustamente, não marca. Es-pantoso! Simplesmente espantoso, o sr. Colina!

Aos 33 minutos, o francês Crut, aproveitando uma serie de passes de efeito, que os leigos idiotas julgaram perfeitos de *association*, marca apa-ratosamente uma bola, que Artur Au-gusto, propositadamente, deixou en-trar—visto que ela não tinha defeza possível. Ora Crut estava of-sidissimo, mas o sr. Colina, como sempre par-cial, validou.

O jogo está a acabar. Nos ultimos minutos, Liberto corre pela direita, triangula com Figueiredo e João dos Santos, este passa a Zabala, que, com uma impressionante, delicadissima maneira belenense, como se estivesse a jogar o bilhar, mete lá dentro a quarta bola nacional, depois de os de-fezas franceses terem escorregado e deslocado cada um o seu artelho,

Vitoria nacional por 4 a 2.

Parabens á selecção, parabens a Pedro, a Candido, a Ribeiro. Para-bens a Lisboa. Parabens ao Barão, parabens ao Avila e ao Urgell Horta.

Vê-se que os nossos tecnicos domi-nam, e não ha já uruguaios, nem pau-listanos, nem Zamoras. Linha esco-lhida por eles, é isto.

O sr. Colina vai ser posto na fron-teira por ordem do sr. Placido de Sou-sa. Com franqueza—achamos bem, apesar de sermos inclinados á genero-sidade.

Romen.

A FRANÇA BATEU PORTUGAL POR 5 A 2, MAIS COISA MENOS COISA

Foi um grande exemplo, uma gran-de lição, este Portugal-França. A der-rota portuguesa, conseguida pela França com toda a lisura, mercê dos processos sérios da escolha da sua *equipe*, é mais uma gloria negativa a juntar a outras da nossa decrepita, *snob* e incompetente Federação.

Podem limpar as mãos á parede os seleccionadores. E querem agora levar aqueles 11 fetos jogar a Roma e a Madrid! Pretexto para os dire-ctores viajarem á tripa fôrca e man-darem lá os jogadores da panelinha, que são sempre os mesmos e percebem da bola tanto como deu m lugar de azeite.

Este inocente sr. Candido de Oli-veira, que em *foot-ball* nunca fez se-não jornais, onde nunca pôe os pés nem as mãos; este sr. Ribeirinho, que foi um az do avêso, a ponto de ter sido corrido do Benfica e ter pa-ra lá entrado outra vez o sr. Cohme Damião—esse, sim, é que era um ho-mem!—e o sr. Pedro Del-Negro, que jogou *foot-ball* no tempo das bolas quadradas e que, como *sportman*, é um esplendido empregado bancario—arranjaram uma linha que é uma vergonha.

E ainda os mandaram para o Esto-ri!

Emfim. Não falemos por agora nis-so e guardemos o caso para a assem-bleia geral da Federação.

Vamos ao jogo.

* * *

Portugal tem a bola de saída, mas Liberto, que a apanha por acaso—vê-se logo e confessou-o ao sr. Colina, illustre arb'tro espanhol—atira para fora.

Os franceses dominam. Figueiredo, a quem chamam tamanqueiro—o pior dos 22 homens em campo—parece que está em Olhão. Parado, apatico, não existe. Augusto Silva ainda faz al-guma coisa, mas Varela, que não sa-be senão fazer uso do corpo, deixa passar tudo.

Jorge—um podão. Pinho, aqui e ali, tem uma entrada, mas—é zero!

* * *

Aos 13 minutos, espantosamente, em perfeito *association*, triangulado, os três azes franceses da direita con-duzem a bola, em termos de a mul-tidão se estasiar, e finalmente o meio esquerdo, num *shoot* rasteiro e emi-nentemente oportuno, enfia lá den-tro.

Dois minutos depois, Artur Augus-to, a defender um *corner*, falha, tal qual faria o Nazaré, e a França faz dois a zero. Isto não tem descrição. A primeira parte termina assim, com

os portugueses amachucados, e a França serena, elegante e confiada. Assobios a Jorge Vieira!

* * *

Na segunda parte, os portugueses, que no intervalo receberam conselhos dos srs. Sabo e Artur José Pereira, fazem uma avançada perigosa. Va-rela atira para a enfermaria o fran-cês Sotiault, que se limita a dar-lhe um pontapé no joelho, sem querer. Entretanto, João dos Santos, of-side, passa a bola a Zabala, of-side tam-bem, que a passa a Pepe, tambem of-side, e o *shoot* parte, sendo Dhur impotente para evitar a traição.

* * *

Aos 17 minutos, porém, a bola cai nos pés de Cazais, médio francês, que, iludindo Figueiredo, passando Silva, de me'o do campo atira ao *goal* em termos de Artur Augusto não a vêr. A bola fura as rédes e vai ter á cal-cada de Carriche. Palmas vibrantes.

Logo a seguir, Pinho falha, como quasi sempre, Jorge vem a socorrê-lo, mas cai extenuado pelo abuso do re-pouso no Estoril, e Hurtvend marca a quarta bola francesa.

Neste dominio francês vai o jogo, até que, a cinco minutos do fim, Fi-gueiredo, atrapalhado, passa a bola, como recurso, a Artur Augusto, este abre as pernas delicadamente e a França faz 5-1.

* * *

Falta um minuto. Del-Negro grita de um camarote: «rapazes, vamos a ver se empatamos!» Justamente o «*beck*» francês Walet toca na bola, por acaso, e o sr. dr. Colina tem o primeiro erro: marca *penalty*, que Li-berto converte em *goal*.

* * *

O jogo termina 5-2. Na ambulancia curaram-se, pouco depois, com as ca-beças partidas, fracturas insignifi-cantes de costelas, dentes partidos por falta de tratamento, o Candido, o Ri-beirinho e o Pedro.

Emfim: jogadores pessimos, salvan-do-se os suplentes, que não jogaram. Juiz optimo. Arbitro form'davel.

* * *

Oxalá esta lição sirva, e a assem-bleia geral saiba eliminar os *bonzos* do *foot-ball*.

O sr. Colina vai ser condecorado com S. Tiago, e aos jogadores fran-ceses vai ser erguido um monumento comemorativo.

Julietta.



- Para sermos como os homens, ainda nos falta muita coisa.
- E a nós, para sermos como as mulheres, sobeja-nos ...



(Desenho de Carlos Ribeiro).

- Tenha dó de um pobre operario que perdeu um braço ...
- Sinto muito, mas não o encontro ...



- Porque deixas andar tua mulher e tua filha de saias curtas?
- A primeira, sempre que vem da rua, pede-me o divorcio, a segunda pede-o a toda a gente ...



- Já viu o meu penteado?
- Ha senhoras a quem o cabelo á "garçonne" faz muito mais novas. V. Ex., por exemplo, confunde-se com sua neta ...



- Preciso dum fato! Só o nosso compadre me poderá valer ...
- Mas como has-de pagar-lh'o, se não tens dinheiro?
- Ora, ora ... nem pensar nisso é bom! E' o que menos me raia ...

O Joaquim da Estrada já convenceu o compadre a vender-lhe um fato fiado, mas, ainda não contente, justa para aqui, justa para ali, conseguiu um bom desconto no preço, que já era "prá-migos.."

- Se não tencionas pagar-lhe o fato, - observou-lhe a mu her - porque regateaste tanto?
- E' que assim evitel que o nosso compadre sofresse um prejuizo ainda maior! ...